

MAPEAMENTO LEXICAL DO PORTUGUÊS FALADO NO AMAPÁ: UM ESTUDO SOBRE O CAMPO SEMÂNTICO "CORPO HUMANO"

Matheus Gomes dos Santos
Universidade do Estado do Amapá, Curso de Licenciatura Plena em Letras/Francês,
Amapá - Brasil
matheusgo23571@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0004-2903-122X>

Romário Duarte Sanches
Universidade Federal do Amapá, Campus Universitário de Santana, Amapá - Brasil
duarte.romrio@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0571-303X>

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo mapear e analisar a variação lexical do campo semântico *corpo humano*, dados que são pertencentes ao Atlas Linguístico do Amapá – ALAP. O estudo está ancorado na Dialetoлогия, tendo como método a Geolinguística Moderna, encarregada de mapear as variedades linguísticas através de cartas linguísticas (Cardoso, 2010, p.15). A pesquisa contou com dados lexicais que já foram coletados pelo ALAP. Foram selecionados 40 informantes, distribuídos em dez localidades do Amapá, conforme a faixa etária e sexo. Os dados foram analisados, pelos autores desta pesquisa, no *software* de planilhas *Excel* e a cartografia linguística feita no *software* de *design* gráfico *Inkscape*. A variação lexical encontrada mostrou que apenas nos itens *míope* e *dente do siso* houve predominância lexical diferente, respectivamente denominados de *falta de vista* e *dente do juízo*. Já nos itens *pálpebras*, *pomo-de-adão*, *canhoto*, *seios*, *útero*, *rótula* e *cócegas*, as denominações predominantes foram de variantes padrão.

PALAVRAS-CHAVE: Dialetoлогия. Geolinguística. Amapá. Corpo Humano.

LEXICAL MAPPING OF PORTUGUESE SPOKEN IN AMAPÁ: A STUDY ON THE SEMANTIC FIELD "HUMAN BODY"

ABSTRACT: The present work aims to map and analyze the lexical variation of the semantic field of the *Human body*, data that belong to the Linguistic Atlas of Amapá – ALAP. The study is anchored in Dialectology, using Modern Geolinguistics as a method, in charge of mapping linguistic varieties through linguistic charts (Cardoso, 2010, p.15). The research relied on lexical data that have already been collected by ALAP. A total of 40 informants were selected, distributed in ten locations in Amapá, according to age group and gender. The authors of this research analyzed the data in Excel spreadsheets and the linguistic cartography was done in the graphic design software Inkscape. The lexical variation found showed that only in the "míope" and "dente do siso" items there was a different lexical predominance, respectively called "falta de visão" and "dente do juízo". On the other hand, the items *pálpebras*, *pomo-de-adão*, *canhoto*, *seios*, *útero*, *rótula* and *cócegas*, the predominant denominations were standard variants.

KEYWORDS: Dialectology. Geolinguistics. Amapá. Human Body.



INTRODUÇÃO

A língua em uso é um sistema heterogêneo que tende a modificar-se, podendo, assim, gerar eventuais ramificações, visto que o próprio ser humano é uma espécie inconstante e inclinada às mudanças de suas atividades sociais. Esse fenômeno no qual o falante modifica a língua de acordo com o contexto social em que está inserido é denominado de variação linguística. A Dialetoлогия tem como objetivo analisar a variação e a mudança linguística que podem culminar com o surgimento de novas variedades, além de apresentar esses diferentes falares por meio de cartas linguísticas. A variação pode ocorrer nos diferentes níveis internos à língua, tais como: fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, prosódico e discursivo. Há também níveis de variação condicionados a partir de fatores externos, sendo: diatópico, diastrático, diassexual, diageracional, diafásico, diamésico, dialingual e diarreligioso.

As variedades linguísticas são ramificações que integram a língua em uso e são comumente conhecidas como *dialetos*. De maneira geral, as línguas vivas estão em constante mudanças e novos dialetos podem vir a surgir ou desaparecer dependendo do seu uso. Segundo Trudgill e Chambers (1994, p.19), os dialetos são considerados como subdivisões de uma língua em particular. Sendo assim, é possível inferir uma breve comparação por meio da teoria matemática dos conjuntos. Suponhamos que há um grande *conjunto A*, que se refere à língua, e pequenos *subconjuntos B, C e D* referindo-se aos dialetos que estão em situação de pertinência – submetidos – ao *conjunto A*. Ou seja, os dialetos são pequenas divisões, cada um com a sua particularidade, que juntos compõem a língua.

A língua portuguesa no Brasil também possui as suas variedades linguísticas por região, porém até mesmo em um estado – área dividida geograficamente de acordo com as suas dimensões espaciais – também há um conjunto de falares que tendem a ser heterogêneos. Diante desse fenômeno, o presente trabalho tem como objetivo descrever, mapear e analisar as variantes lexicais referentes ao campo semântico *corpo humano*, encontradas no falar de moradores do estado do Amapá – localizado na região Norte do Brasil. O *corpus* desta pesquisa pertence ao banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP). O ALAP tornou-se uma das obras de referência acerca dos estudos variacionistas na região, tendo como método de pesquisa a Geolinguística Pluridimensional, considerando os aspectos de variação diatópico, diassexual e diageracional. O Projeto Atlas Linguístico do Amapá selecionou 40 informantes em dez localidades do estado. Para a coleta de dados, foi utilizado o questionário semântico-lexical (QSL) e o auxílio de um gravador de voz, com capacidade de armazenamento de áudios em formato MP3. Os itens referentes ao campo semântico *corpo humano* fazem parte dos campos semântico-lexicais que não foram publicados junto ao primeiro volume do Atlas Linguístico do Amapá, sendo a análise e cartografia realizadas pelos autores deste artigo. A análise dos dados foi realizada no *software* de planilhas *Excel*, produzindo os dados gerais e por localidades. As cartas linguísticas foram desenvolvidas no *software* de *design* gráfico *Inkscape*,

contendo as seguintes informações: a pergunta do questionário semântico-lexical, o item lexical, as variantes informadas e os gráficos distribuídos em suas respectivas localidades.

O interesse pelo campo semântico *corpo humano* surgiu pela necessidade de apresentar a cartografia e análise de nove itens lexicais que necessitavam de análise e não foram publicados junto ao volume I do Atlas Linguístico do Amapá, sendo um dos nossos objetivos realizar a cartografia linguística para que as cartas sejam publicadas futuramente no volume II do referido atlas. Com isso, essas novas cartas estão numeradas seguindo a sequência de cartas lexicais que estão sendo produzidas pelo Projeto ALAP, sendo elas: 115 – *pálpebras/capela dos olhos*; 116 – *míope*; 117 – *dentes do siso/juízo*; 118 – *pomo-de-adão/gogó*; 119 – *canhoto*; 120 – *seios/peito*; 121 – *útero*; 122 – *rótula/pataca* e 123 – *cócegas*.

Sendo assim, o presente artigo está organizado em cinco seções: a primeira seção apresenta o surgimento da Dialetoлогия e a Geolinguística até os dias atuais; a segunda seção trata de apresentar as fases do Projeto Atlas Linguístico do Amapá, do seu início ao momento atual; a terceira seção aborda os aspectos metodológicos presentes nesta pesquisa; a quarta seção apresenta a análise das cartas para as variantes lexicais encontradas no estado do Amapá referente ao campo semântico *corpo humano*, e, por fim, a última seção segue com as considerações finais e referências bibliográficas.

DIALETOLOGIA E GEOLINGUÍSTICA: CAMINHOS PERCORRIDOS

De acordo com Trudgill e Chambers (1994, p.35), um dos primeiros registros de diversidade linguística pode ser encontrado nos textos bíblicos. No livro dos Juízes, capítulo 12, é possível encontrar uma variante para a palavra *Chibólet* – nomeação para espiga de trigo – que identificava um falante efraimita. No contexto da guerra entre o povo de Efraim e Galaad, os galaditas detinham domínio e controle sobre a região do rio Jordão e cada vez que um fugitivo efraimita tentava passar, os galaditas pediam para que fosse pronunciado a palavra *Chibólet*. Entretanto, os efraimitas sempre pronunciavam *Sibólet* e, a partir desse fato, os galaditas identificavam a pronúncia típica do falar efraimita e de imediato prendiam e degolavam os homens do povo de Efraim. Ou seja, a diferença cultural e conseqüentemente a dificuldade de pronúncia foram fatores propícios para o surgimento de uma nova variante.

A Dialetoлогия começou a ser divulgada de forma científica no fim do século XIX e veio a ser difundida principalmente na Alemanha, Itália e na França, sendo neste último país que a Dialetoлогия passou a ser integrada no currículo regular da prestigiada *École Pratique des Hautes Études*, em 1881. O grande incentivo aconteceu em 1888, com Gaston Paris, na conferência *Os Falares da França*, na qual ele evidenciou a necessidade de realizar pesquisas sobre os *patois*¹ franceses. Por meio desse anúncio de Gaston Paris, Jules Gilliéron, com a colaboração de Edmond Edmont, iniciou a coleta de dados em 1897 e, após grande esforço e trabalho, em 1910, veio a ser publicado por completo o *Atlas Linguistique de la France – ALF*, obra de referência dentro dos estudos dialetológicos. Entretanto, a pes-

1 Dialeto que compõem a língua francesa e que estavam se perdendo, visto que, na visão dos gramáticos, eram falares estigmatizados e marginalizados.

quisa foi produzida a partir do pressuposto da Dialetologia Monodimensional, considerando apenas a dimensão diatópica. Após a publicação do Atlas Linguístico do França, os linguistas europeus iniciaram os processos de pesquisas dialetais em seus países. Seguindo essa crescente linha de investigação, os estudos dialetais chegaram a ser propagados nos países do Novo Mundo, sendo difundida principalmente no território brasileiro.

No Brasil, atualmente, a Dialetologia é dividida em cinco fases. A primeira fase foi de 1826 a 1920 e caracteriza-se com o trabalho do Visconde da Pedra Branca, que teve como objetivo analisar e comparar a variação lexical do português brasileiro e do português europeu. Na segunda fase, em 1920, inicia-se quando Amadeu Amaral publica a obra *O dialeto caipira*; e, dois anos depois, em 1922, Antenor Nascentes veio a publicar a obra *O linguajar carioca*, sendo ambas importantes para a elaboração dos atlas de natureza regional. A terceira fase começou em 1953 e chegou ao seu término em 1995, tendo como principal ocorrência a aprovação do Decreto nº 30.643, no qual o Centro de Pesquisa Casa de Ruy Barbosa teve o apoio legal para desenvolver e elaborar as bases metodológicas do Atlas Linguístico do Brasil. No que diz respeito à quarta fase, o seu início se caracterizou em 1996 e se perpetua até os dias atuais, tendo como consolidação a metodologia Geolinguística e a publicação dos volumes I e II do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), além de haver a produção de outros atlas regionais e de pequeno domínio, seguindo o mesmo pressuposto teórico-metodológico desenvolvido pelo Comitê do Projeto ALiB. De acordo com Sá (2020, p.346), a quinta fase teve início em 2013 e também se perpetua até os dias atuais. Para o autor, essa fase é caracterizada pelos atlas produzidos em comunidades tradicionais – formada por pescadores, quilombolas e indígenas do Brasil – com maiores estudos na região Norte.

Sobre a Geografia Linguística, também chamada de Geolinguística, segundo Cardoso (2010, p.15): “é um método que tem por objetivo mapear e identificar as áreas dialetais”. Este método surgiu a partir da necessidade de se estudar as variedades linguísticas de forma mais prática, adotando, portanto, a aplicação de cartas linguísticas para evidenciar o falar de determinado grupo social a partir do espaço geográfico que estão inseridos. A Geolinguística tem como característica o uso de questionários que podem ser diretos, indiretos, formais ou informais.

Na atualidade, a Geolinguística Moderna não se restringe em analisar somente a variação nos pontos geográficos, suas cartas incluem valores sociolinguísticos, ou seja, abordam dados extralinguísticos a respeito dos informantes como escolaridade, sexo, idade, etc. (Romano, 2013, p.219). Esse pressuposto que abrange outros aspectos de variação além da diatópica é conhecido como Geolinguística Pluridimensional e, atualmente no Brasil, é o método aplicado por todos os atlas que utilizam como referência metodológica o Atlas Linguístico do Brasil.

O ATLAS LINGUÍSTICO DO AMAPÁ

Partindo da mesma referência teórico-metodológica do Atlas Linguístico do Brasil, no que diz respeito às pesquisas dialetais realizadas na Região Norte, o estado do Amapá

possui o Projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP), que teve a sua criação no ano de 2010 e, atualmente, está vinculado ao grupo de pesquisa ALAP, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), e ao grupo pesquisa Linguagem, Língua e Sociedade (LINLIS), da Universidade do Estado do Amapá (UEAP).

O Atlas Linguístico do Amapá pode ser caracterizado por meio de três fases. Na primeira fase, o projeto contou com o auxílio de professores e estudantes da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e da Universidade Federal do Pará (UFPA), coordenados pelos professores Abdelhak Razky (UFPA) e Celeste Ribeiro (UNIFAP). Nessa fase, o grupo de pesquisa realizou a coleta, a análise e a elaboração das cartas linguísticas, resultando, assim, na publicação do primeiro volume do referido atlas, no ano de 2017, contendo 119 cartas linguísticas, sendo elas fonético-fonológicas e semântico-lexicais.

A segunda fase do Atlas Linguístico do Amapá ocorreu durante os anos de 2018 a 2021 e consolidou-se com as publicações de artigos e monografias a partir do primeiro volume publicado. Nos dias atuais, o Projeto ALAP segue em sua terceira fase, tendo na coordenação o orientador deste artigo, o Prof. Dr. Romário Duarte Sanches (UNIFAP). No que se refere ao integrante bolsista, o Grupo de Pesquisa conta com o autor deste artigo, Matheus Gomes dos Santos, que é acadêmico da Universidade do Estado do Amapá e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Além desses membros supracitados, a equipe também é composta por discentes voluntários da Universidade Federal do Amapá e da Universidade do Estado do Amapá. Essa terceira fase tem como principal tarefa analisar e mapear os 13 campos semântico-lexicais que não foram publicados. Vale ressaltar que os dados já foram coletados pelos inquiridores do Grupo de Pesquisa ALAP, nos anos de 2012 a 2013, entretanto, necessitam de análise e mapeamento para que sejam publicados em um segundo volume do livro Atlas Linguístico do Amapá (Razky; Ribeiro; Sanches, 2017). O campo semântico-lexical *corpo humano* também integra como parte desses dados a serem analisados e publicados, porém a análise e mapeamento já foram realizados pelos autores e as variantes lexicais serão evidenciadas e apresentadas neste trabalho.

Nesta perspectiva, este trabalho visa a contribuir para a análise do campo semântico-lexical *corpo humano*, no qual possui um total de nove itens lexicais não publicados, sendo dados inéditos do Projeto ALAP. Estes itens são: *pálpebras*, *míope*, *dente do siso*, *gogó*, *canhoto*, *peito*, *útero*, *rótula* e *cócegas*.

METODOLOGIA

Para a composição do *corpus* desta pesquisa, os coordenadores do Grupo de Pesquisa ALAP consideraram como método a Geolinguística Pluridimensional, considerando a variação diatópica, diasssexual e diageracional. Foram selecionados 40 informantes, distribuídos de maneira igualitária em dez municípios do estado do Amapá, sendo eles: 1 - Macapá, 2 - Santana, 3 - Mazagão, 4 - Laranjal do Jari, 5 - Pedra Branca do Amapari, 6 - Porto Grande, 7 - Tartarugalzinho, 8 - Amapá, 9 - Calçoene e 10 - Oiapoque. Para

cada localidade foram selecionados quatro informantes, sendo dois homens e duas mulheres de 18 a 35 anos; e dois homens e duas mulheres de 50 a 75 anos. A partir dessa organização, foi aplicado o questionário semântico-lexical (QSL) formulado pela equipe do Projeto ALiB (Comitê Nacional, 2001). Os dados foram coletados pelos inquiridores por meio de um gravador de áudio, sendo as entrevistas gravadas em formato MP3. Para a organização dos dados, as informações foram divididas por meio de códigos que caracterizam a localidade, faixa etária e sexo. Os códigos possuem três caracteres: o primeiro tratando da localidade por sua numeração sequencial; o segundo diz respeito ao sexo biológico, sendo masculino (M) e feminino (N); e a faixa etária dividida por dois grupos, os colaboradores que pertencem ao grupo A (18 a 35 anos) e ao grupo B (50 a 75 anos). Como por exemplo: 1MA, indica informante da localidade 1 (Macapá), do sexo masculino (M) e com idade entre 18-30 anos (A); 1MB indica informante da localidade 1 (Macapá), do sexo masculino (M) e com idade entre 50-75 anos (B); 1FA indica informante da localidade 1 (Macapá), do sexo feminino (F) e com idade entre 18-30 anos (A); e 1FB indica informante da localidade 1 (Macapá), do sexo feminino (F) e com idade entre 50-75 anos (B).

Após a adequação do método, coleta de dados, transcrição fonética e, posteriormente, a publicação das cartas fonético-fonológicas e semântico-lexicais realizada pela equipe do Projeto ALAP, durante os anos de 2010 a 2017, alguns dos dados não foram analisados e mapeados. Surge então a segunda equipe, a qual integramos e que foi criada no ano de 2023, com o objetivo de analisar esses itens lexicais no *Software* de criação de planilhas e gráficos denominado *Excel*, onde foi feita a contagem das ocorrências e a identificação da presença e ausência das variantes lexicais.

A última etapa, que também desenvolvemos, caracterizou-se pelo processo de cartografia linguística utilizando o *software* de *design* gráfico *Inkscape* para a criação das cartas. Nas cartas lexicais, que serão apresentadas na seção seguinte, será possível identificar os pontos de inquérito, a pergunta do questionário referente ao item e as variantes ocorrentes em porcentagem.

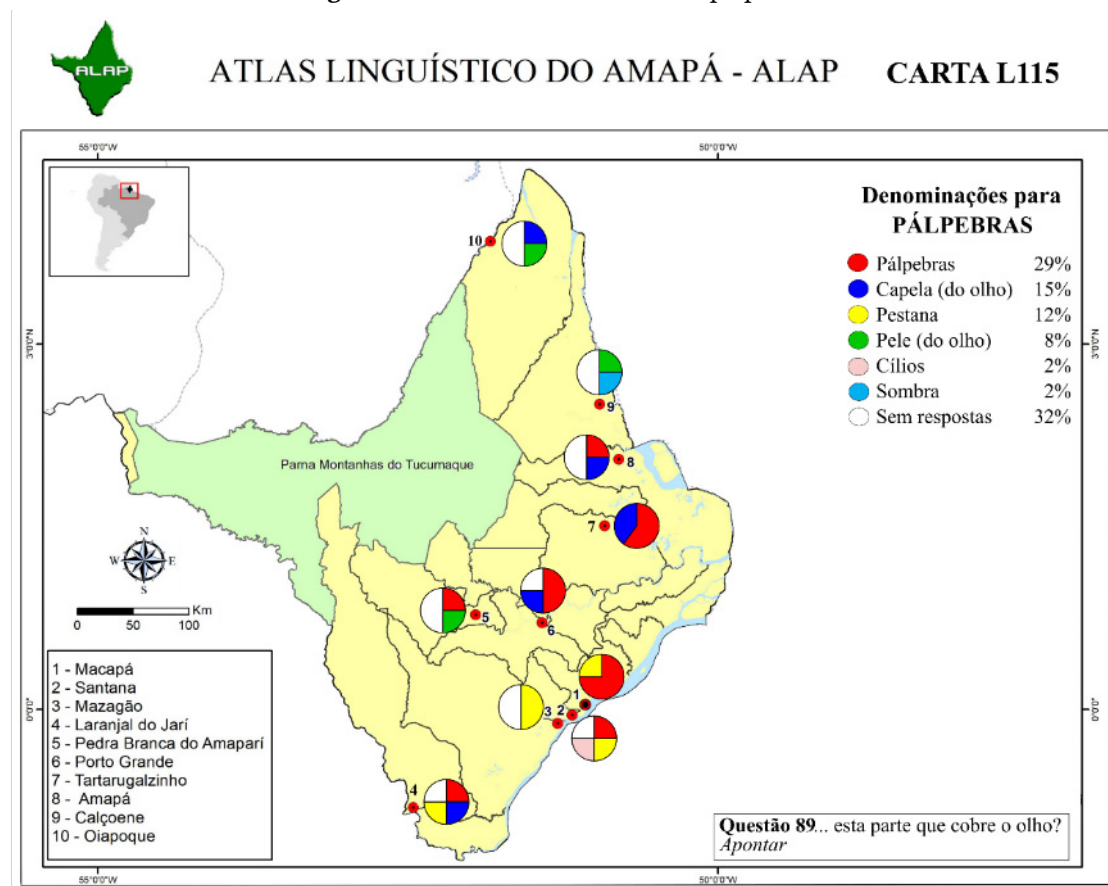
VARIAÇÃO LEXICAL PARA O CAMPO SEMÂNTICO CORPO HUMANO

Nesta seção serão apresentadas as variantes lexicais com suas porcentagens/ocorrências e análise dos itens referentes ao campo semântico *corpo humano*. Os dados foram fornecidos por 40 informantes residentes de dez municípios do estado do Amapá, que integram a rede de pontos do Projeto ALAP. Vale ressaltar que apenas este trabalho final de análise e cartografia dos itens foram desenvolvidos pelos autores desta pesquisa, visto que os dados já foram coletados em campo, nos anos de 2012 a 2013. Primeiramente, será apresentada a carta lexical contendo a variação diatópica e, posteriormente, a análise acerca da variação diassexual e diageracional. Os itens lexicais analisados são: 115 – *pálpebras/capela dos olhos*; 116 – *míope*; 117 – *dentes do siso/juízo*; 118 – *pomo-de-adão/gogó*; 119 – *canhoto*; 120 – *seios/peito*; 121 – *útero*; 122 – *rótula/pataca* e 123 – *cócegas*.

VARIÇÃO LEXICAL PARA PÁLPEBRAS

A carta 115 – *pálpebras* corresponde ao primeiro item lexical do campo semântico *corpo humano*. As variantes encontradas foram: *pálpebras*, *capela (do olho)*, *pestana*, *pele (do olho)*, *cílios* e *sombra*. A figura 1 apresenta as variantes a partir da dimensão diatópica:

Figura 1 - Carta L115 - Item lexical *pálpebras*



Fonte: Elaborado pelos autores.

Na figura 1, as variantes encontradas no falar dos informantes foram *pálpebras* com 12 ocorrências (29%), *capela (do olho)* com seis ocorrências (15%), *pestana* com cinco ocorrências (12%), *pele (do olho)* com três ocorrências (8%), *cílios* com uma ocorrência (2%) e *sombra* com uma ocorrência (2%). É possível observar que para a falta de respostas houve 12 ausências, totalizando um percentual de 32%. Para esse item, a variante predominante foi *pálpebras* e teve maior ocorrência nos pontos 1 (Macapá), 6 (Porto grande) e 7 (Tartarugalzinho). A variante *capela (do olho)* está presente nos pontos 4 (Laranjal do Jari), 6 (Porto grande), 7 (Tartarugalzinho), 8 (Amapá) e 10 (Oiapoque). Em relação à variante *pestana*, é possível observar que ela está presente apenas nos pontos localizados mais ao sul, nas localidades 1 (Macapá), 2 (Santana), 3 (Mazagão) e 4 (Laranjal do Jari). Acerca da variante *Pele (do olho)*, a sua ocorrência se deu em menor número e está presente apenas nos pontos 5 (Pedra Branca do Amapari), 9 (Calçoene) e 10 (Oiapoque). As variantes *cílios* e *sombra* foram faladas apenas uma vez. A ausência de respostas se fez presente na maioria dos pontos, com exceção dos pontos 1 (Macapá) e 7 (Tartarugalzinho). Na

tabela 1, estão os resultados referentes às dimensões diassexual e diageracional, com o número de ocorrência/percentual para cada variante:

Tabela 1 – Variação diassexual e diageracional

Variantes	Homem		Mulher		Grupo A (18-30 anos)		Grupo B (50-75 anos)	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
Pálpebras	3	25%	9	75%	9	75%	3	25%
Capela (do olho)	5	83%	1	17%	2	33%	4	67%
Pestana	3	60%	2	40%	0	0%	5	100%
Pele (do olho)	1	33%	2	67%	1	33%	2	67%
Cílios	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%
Sombra	0	0%	1	100%	1	100%	0	0%
Sem respostas	8	62%	5	38%	7	54%	6	46%

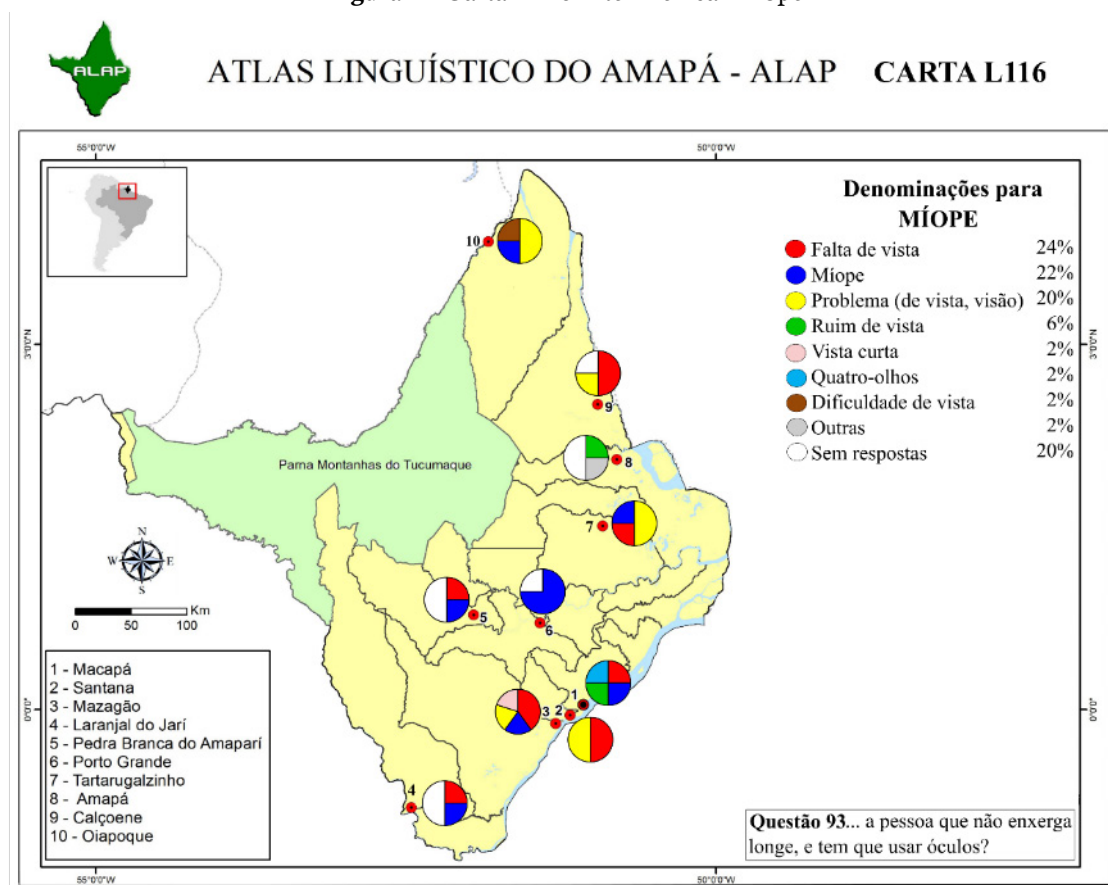
Fonte: Elaborado pelos autores.

Na tabela 1, é possível identificar que a variante *pálpebras* predomina no falar das mulheres e também entre os informantes do grupo A (nove ocorrências). Em oposição a esse fato, a variante *capela (do olho)* é mais frequente no falar dos homens (cinco ocorrências) e entre o grupo B (quatro ocorrências). No que tange à variante *pestana*, a sua prevalência se concretizou na fala dos homens (três ocorrências) e com predominância na fala dos falantes do grupo B (cinco ocorrências). Com respeito à variante *pele (do olho)*, a sua ocorrência foi presente na fala das mulheres (duas ocorrências) e na fala dos homens (uma ocorrência), assim como no grupo A (uma ocorrência) e no grupo B (duas ocorrências). No que corresponde à variante *cílios*, houve uma ocorrência na fala de apenas um informante do sexo masculino que pertence a primeira faixa etária. A variante *sombra* foi mencionada por uma informante do sexo feminino que pertence ao grupo B. Para a falta de resposta, a ausência se caracterizou no falar dos homens (oito ausências) e das mulheres (cinco ausências), assim também ocorre entre os grupos A (sete ausências) e B (seis ausências).

VARIAÇÃO LEXICAL PARA MÍOPE

Para as variantes encontradas na carta lexical 116 – *míope*, os dados do ALAP apresentam uma grande variedade de variantes, sendo elas: *falta de vista*, *míope*, *problema de vista/visão*, *ruim de vista*, *vista curta*, *quatro-olhos*, *dificuldade de vista* e *outras (não tem boa visão)*. Os resultados da variação diatópica estão presentes na figura 2:

Figura 2 - Carta L116 - Item lexical míope



Fonte: Elaborado pelos autores.

Como é possível observar na figura 2, os falantes amapaenses apresentam uma heterogeneidade para o item lexical *míope*. As variantes encontradas foram *falta de vista* com dez ocorrências (24%), *míope* com nove ocorrências (22%), *problema de vista/visão* com oito ocorrências (20%) e *ruim de vista* com duas ocorrências (6%). As variantes menos frequentes, como *vista curta* (2%), *quatro-olhos* (2%), *dificuldade de vista* (2%) e *outras (não tem boa visão)*, tiveram apenas uma ocorrência (2%). Houve oito ausências de respostas (20%). Os pontos 1 (Macapá) e 3 (Mazagão) foram as únicas localidades que apresentaram quatro variantes. Contrariamente, o ponto 6 (Porto Grande) foi a única localidade que apresentou apenas uma variante (*míope*). Os pontos 7 (Tartarugalzinho) e 10 (Oiapoque) apresentam a predominância da variante *problema de vista/visão* frente às variantes mais ocorrentes *falta de vista* e *míope*. Para a variante *ruim de vista*, houve ocorrência apenas nos pontos 1 (Macapá) e 8 (Amapá). A seguir, na tabela 2, estão os resultados para as dimensões diasssexual e diageracional.

Tabela 2 – Variação diasssexual e diageracional

Variantes	Homem		Mulher		Grupo A (18-30 anos)		Grupo B (50-75 anos)	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
Falta de vista	5	50%	5	50%	3	30%	7	70%
Míope	4	44%	5	56%	4	44%	5	56%
Problema (de vista, visão)	3	37%	5	63%	7	87%	1	13%
Ruim da vista	1	50%	1	50%	2	100%	0	100%

Vista curta	1	100%	0	0%	0	0%	1	100%
Quatro-olhos	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%
Dificuldade de vista	1	100%	0	0%	0	0%	1	100%
Outras	1	100%	0	0%	0	0%	1	100%
Sem respostas	3	37%	5	63%	4	50%	4	50%

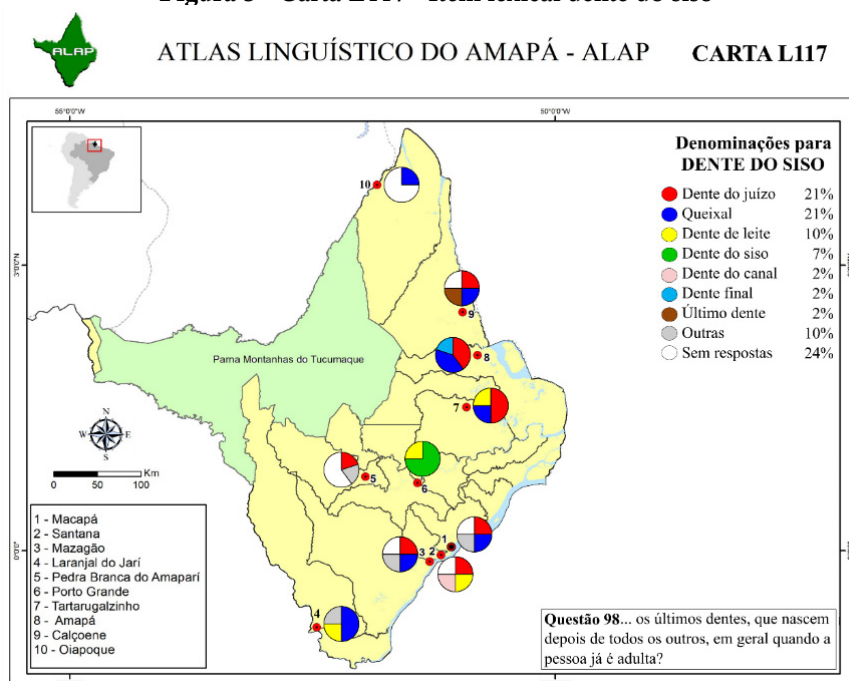
Fonte: Elaborado pelos autores.

Na tabela 2, a variante *falta de vista* tem a mesma frequência entre homens e mulheres (cinco ocorrências), mas é predominante entre o grupo B (sete ocorrências). A variante *miope* é falada entre homens (quatro ocorrências) e mulheres (cinco ocorrências), assim também entre o grupo A (quatro ocorrências) e o grupo B (cinco ocorrências). Quanto à variante *ruim da vista*, a sua ocorrência foi mencionada na fala de ambos os sexos pertencentes ao grupo A. As variantes *vista curta*, *quatro olhos*, *dificuldade de vista* e *outras (não tem boa visão)* ocorreram apenas uma vez na fala de informantes do sexo masculino, sendo a variante *quatro-olhos* a única falada por um informante do grupo A e as demais por integrantes do grupo B. No que diz respeito à falta de resposta, a sua frequência foi maior entre as mulheres (cinco ausências) e, de acordo com a dimensão diageracional, teve o mesmo número de ausência entre os falantes do grupo A e B (quatro ausências).

VARIAÇÃO LEXICAL PARA DENTE DO SISO

Na carta 117 – *dente do siso* foram encontradas as seguintes variantes: *dente do juízo*, *queixal*, *dente de leite*, *dente do siso*, *dente do canal*, *dente final*, *último dente* e *outras (mindinho, curumim, canino e dente do queiro)*. Mesmo com o grande número de variantes, houve informantes que não conseguiram responder à questão. É possível observar essa questão com mais detalhes na figura 3:

Figura 3 - Carta L117 - Item lexical dente do siso



Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir da figura 3, as variantes encontradas para denominar *dente do siso* foram: *dente do juízo* com nove ocorrências (21%), *queixal* com nove ocorrências (19%), *dente de leite* com quatro ocorrências (10%), *dente do siso* com três ocorrências (7%), *último dente* com duas ocorrências (5%), *dente do canal* (2%) e *dente final* (2%) com uma ocorrência. Outras (*mindinho*, *curumim*, *canino* e *dente do queiro*) variantes, que somadas, tiveram 10%, com uma ocorrência para cada variante. Para a falta de resposta, houve dez ausências (24%). Os pontos 7 (Tartarugalzinho) e 8 (Amapá) foram as únicas localidades nas quais a variante *dente do juízo* teve uma maior frequência com relação aos outros pontos de inquérito, com duas ocorrências em cada localidade. A variante *queixal* está presente em sete pontos, mas se destaca no ponto 4 (Laranjal do Jari) com duas ocorrências. Acerca da variante *dente de leite*, a sua ocorrência se fez presente nos pontos 2 (Santana), 4 (Laranjal do Jari), 6 (Porto Grande) e 7 (Tartarugalzinho). A variante *dente do siso* foi falada apenas no ponto 6 (Porto Grande) com três ocorrências. Para a variante *último dente*, a sua menção ocorreu nos pontos 8 (Amapá) e 9 (Calçoene). As demais variantes foram mencionadas apenas uma vez nos pontos 1 (Macapá), 3 (Mazagão), 4 (Laranjal do Jari) e 5 (Pedra Branca do Amapari). No que tange à falta de respostas, os informantes da localidade 10 (Oiapoque) tiveram mais dificuldades para nomear este item lexical. Na tabela 3, é possível observar os dados referente às dimensões diasssexual e diageracional:

Tabela 3 – Variação diasssexual e diageracional

Variantes	Homem		Mulher		Grupo A (18-30 anos)		Grupo B (50-75 anos)	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
Dente do juízo	1	11%	8	89%	4	44%	5	56%
Queixal	6	75%	2	25%	5	62%	3	38%
Dente de leite	1	25%	3	75%	0	0%	4	100%
Dente do siso	2	67%	1	33%	2	67%	1	33%
Último dente	2	100%	0	0%	1	50%	1	50%
Dente do canal	0	0%	1	100%	1	100%	0	0%
Dente final	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%
Outras	1	25%	3	75%	2	50%	2	50%
Sem respostas	7	70%	3	30%	6	60%	4	40%

Fonte: Elaborado pelos autores.

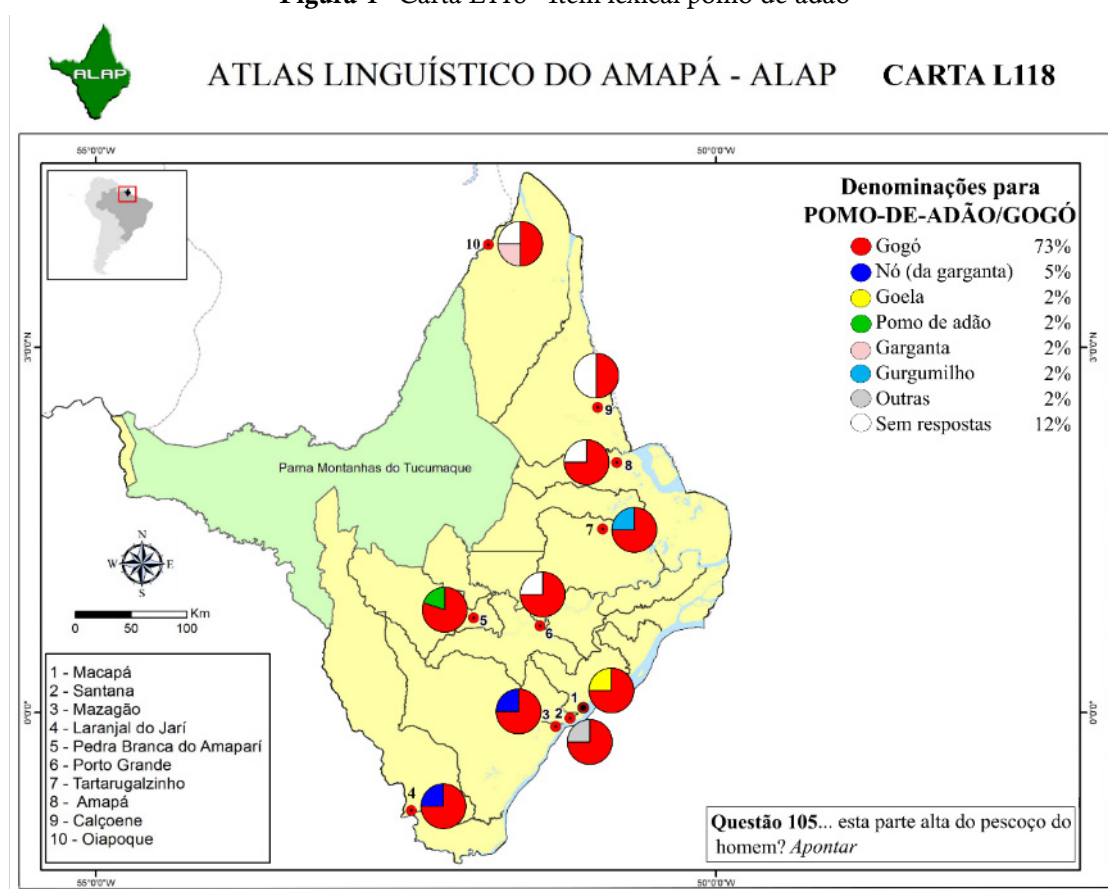
De acordo com a tabela 3, a variante *dente do juízo* tem predominância na fala das mulheres (oito ocorrências) e está presente na fala dos informantes do grupo B (cinco ocorrências) e do grupo A (quatro ocorrências). De maneira oposta, a variante *queixal* é predominante na fala dos homens (seis ocorrências) e está mais presente na fala dos mais jovens (cinco ocorrências). No que diz respeito à variante *dente de leite*, a sua ocorrência se fez presente na fala das mulheres (três ocorrências) e se caracteriza como uma variante predominante entre os informantes do grupo B (quatro ocorrências). *Dente do siso* é mais ocorrente na fala dos homens (duas ocorrências) e dos mais jovens (duas ocorrências). No tocante à variante *último dente*, a sua predominância ocorreu na fala dos homens (duas ocorrências) e cada uma pertencendo a uma faixa etária. Para a variante *dente do canal*, a sua ocorrência foi presente na fala de uma informante do sexo feminino que per-

tence ao grupo A. Quanto à variante *dente final*, a sua ocorrência foi presente na fala de um informante do sexo masculino que pertence ao grupo B. As demais variantes foram mais frequentes na fala das mulheres (três ocorrências) e está presente na fala do grupo A (duas ocorrências) e do grupo B (duas ocorrências). Os homens tiveram mais dificuldades em responder ao questionário (sete ausências de respostas) e essa mesma dificuldade também ocorreu com relação ao grupo A (seis ausências).

VARIAÇÃO LEXICAL PARA POMO-DE-ADÃO

A carta 118 – *pomo-de-adão* teve sete variantes, sendo elas: *gogó*, *nó (da garganta)*, *goela*, *pomo-de-adão*, *garganta*, *gurgumilho* e *outras (gargantilha)*². A partir da figura 4, é possível observar a distribuição geográfica dessas variantes:

Figura 4 - Carta L118 - Item lexical pomo-de-adão



Fonte: Elaborado pelos autores.

No que se refere à figura 4, as variantes lexicais referentes ao item *pomo-de-adão* foram: *gogó* com 29 ocorrências (73%), *nó (da garganta)* com duas ocorrências (5%), *goela* com uma ocorrência (2%), *pomo-de-adão* com uma ocorrência (2%), *garganta* (2%), *gurgumilho* (2%) e *outras (gargantilha)* (2%) tiveram uma ocorrência, e *sem respostas* com cinco ausências (12%). *Gogó* é a variante predominante e está presente em todos os pontos de inquérito, tendo mais ocorrências no ponto 5 (Pedra Branca do Amapari). A variante *nó*

² Em nossa análise, esta resposta não corresponde a uma variante para *pomo-de-adão*, uma vez que *gargantilha* denomina um acessório utilizado no pescoço e não a parte alta no pescoço do homem. No entanto, é importante registrar a resposta dada para este item em questão.

(*da garganta*) foi falada uma vez nos pontos 3 (Mazagão) e 4 (Laranjal do Jari). Com respeito à variante *goela*, a sua ocorrência se fez presente no ponto 1 (Macapá). *Pomo-de-adão* foi falada uma vez no ponto 5 (Pedra Branca do Amapari). Para a variante *garganta*, a sua menção ocorreu no ponto 10 (Oiapoque). A variante *gurgumilho* foi falada uma vez no ponto 7 (Tartarugalzinho). *Outras (gargantilha)* foi mencionada uma vez no ponto 2 (Santana). As ausências de respostas ocorreram nos pontos 6 (Porto Grande), 8 (Amapá), 9 (Calçoene) e 10 (Oiapoque). Na tabela 4, estão presentes os dados referentes às dimensões diassexual e diageracional:

Tabela 4 – variação diassexual e diageracional

Variantes	Homem		Mulher		Grupo A (18-30 anos)		Grupo B (50-75 anos)	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
Gogó	15	52%	14	48%	17	59%	12	41%
Nó (da garganta)	1	50%	1	50%	0	0%	2	100%
Goela	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%
Pomo-de-adão	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%
Garganta	1	100%	0	0%	0	0%	1	100%
Gurgumilho	1	100%	0	0%	0	0%	1	100%
Outras	0	0%	1	100%	1	100%	0	0%
Sem respostas	1	20%	4	80%	1	20%	4	80%

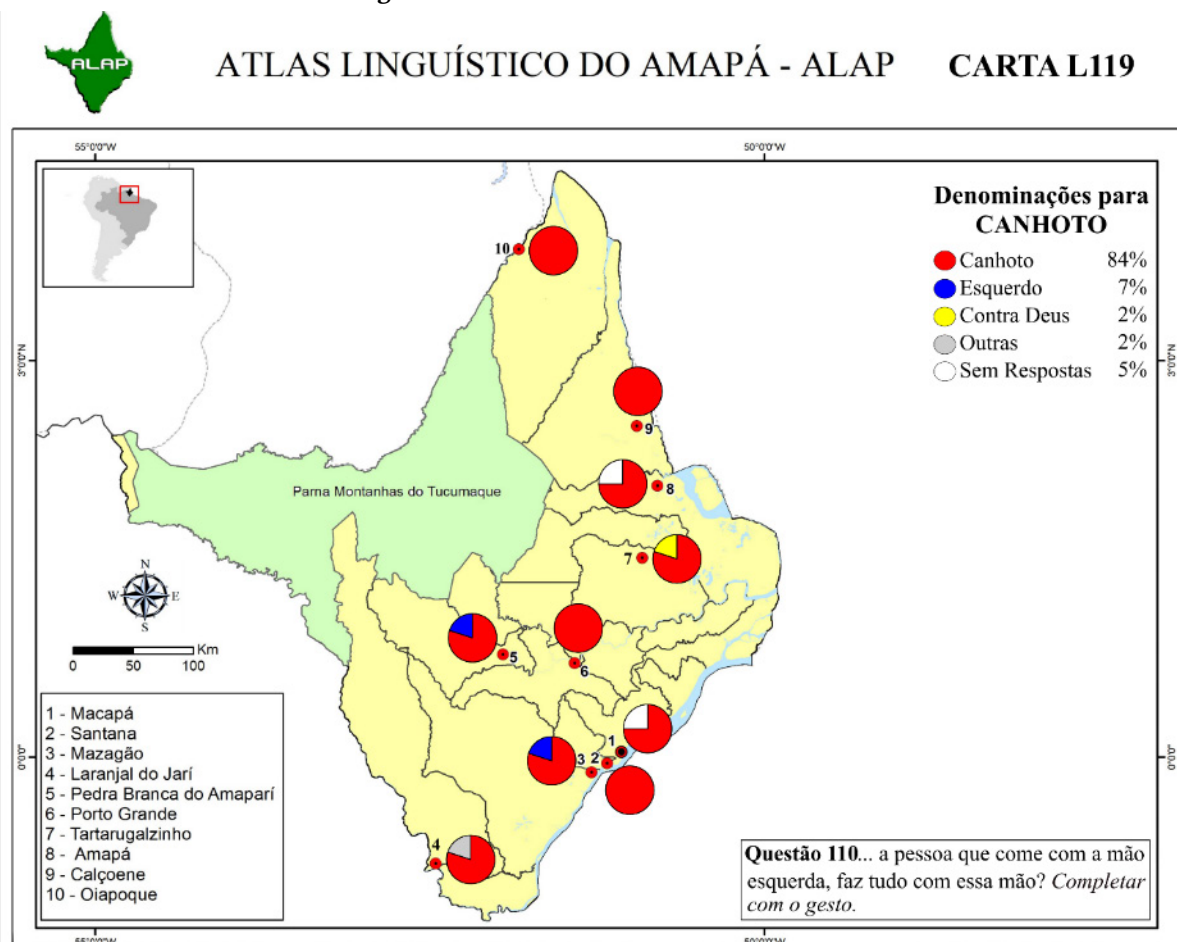
Fonte: Elaborado pelos autores.

De acordo com a tabela 4, a variante *gogó* está presente tanto na dimensão diassexual quanto na dimensão diageracional, porém com uma frequência maior entre os falantes mais jovens (17 ocorrências). A variante *nó (da garganta)* também está presente na fala dos homens e das mulheres, mas aparece exclusivamente na fala dos mais velhos (duas ocorrências). No que diz respeito as variantes *goela* e *pomo-de-adão*, os dados mostram que ambas estão presentes, com uma frequência, na fala dos informantes do sexo masculino que pertencem ao grupo A. Para as variantes *garganta* e *gurgumilho*, as suas menções se fizeram presente na fala de colaboradores do sexo masculino que pertencem ao grupo B. A variante *outras (gargantilha)* foi mencionada por uma informante do sexo feminino que pertence ao grupo A. Quanto à falta de respostas, a frequência foi maior entre os colaboradores do sexo feminino (quatro ausências) em relação aos informantes do sexo masculino (uma ausência), tal como entre os colaboradores do grupo B (quatro ausências) em comparação com o grupo A (uma ausência).

VARIAÇÃO LEXICAL PARA CANHOTO

Para o item lexical *canhoto*, a carta 119 apresentou as seguintes variantes: *canhoto*, *esquerdo*, *contra Deus* e *outras (destro)*. É possível identificar as ocorrências nos pontos de inquérito a partir da figura 5:

Figura 5 - Carta L119 - Item lexical canhoto



Fonte: Elaborado pelos autores.

Para a *carta 119 – canhoto* é possível observar a predominância da variante *canhoto* em comparação com as demais. Foram encontradas as variantes: *canhoto* com 37 ocorrências (84%), *esquerdo* com três menções (7%), *contra Deus* com uma ocorrência (2%), *outras (destro)*³ sendo mencionada uma vez (2%) e *sem respostas* com duas ausências (5%). No que tange à variante *canhoto*, a sua presença ocorreu em todos os pontos de inquéritos, sendo a única variante mencionada nos pontos 2 (Santana), 6 (Porto Grande), 9 (Calçoene) e 10 (Oiapoque). A variante *esquerdo* é mencionada nos pontos 3 (Mazagão) e 5 (Pedra Branca do Amapari) uma única vez. Para a variante *Contra Deus*, a sua menção se fez presente apenas no ponto 7 (Tartarugalzinho). *Outras (destro)* foi mencionada no ponto 4 (Laranjal do Jari). Houve ausência de respostas nos pontos 1 (Macapá) e 8 (Amapá).

Na tabela 5, apresentam-se os dados contendo as variantes de acordo com as dimensões diassexual e diageracional:

Tabela 5 – variação diassexual e diageracional

Variantes	Homem		Mulher		Grupo A (18-30 anos)		Grupo B (50-75 anos)	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
Canhoto	19	51%	18	49%	18	49%	19	51%
Esquerdo	2	67%	1	33%	3	100%	0	0%

³ Em nossa análise, esta resposta não corresponde a uma variante para *canhoto*, uma vez que *destro* denomina alguém que utiliza, preferencialmente, e com maior habilidade, os membros do lado direito do corpo. Mas acreditamos ser necessário indicar a resposta dada pelo informante.

Contra Deus	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%
Outras	1	100%	0	0%	0	0%	1	100%
Sem respostas	1	50%	1	50%	1	50%	1	50%

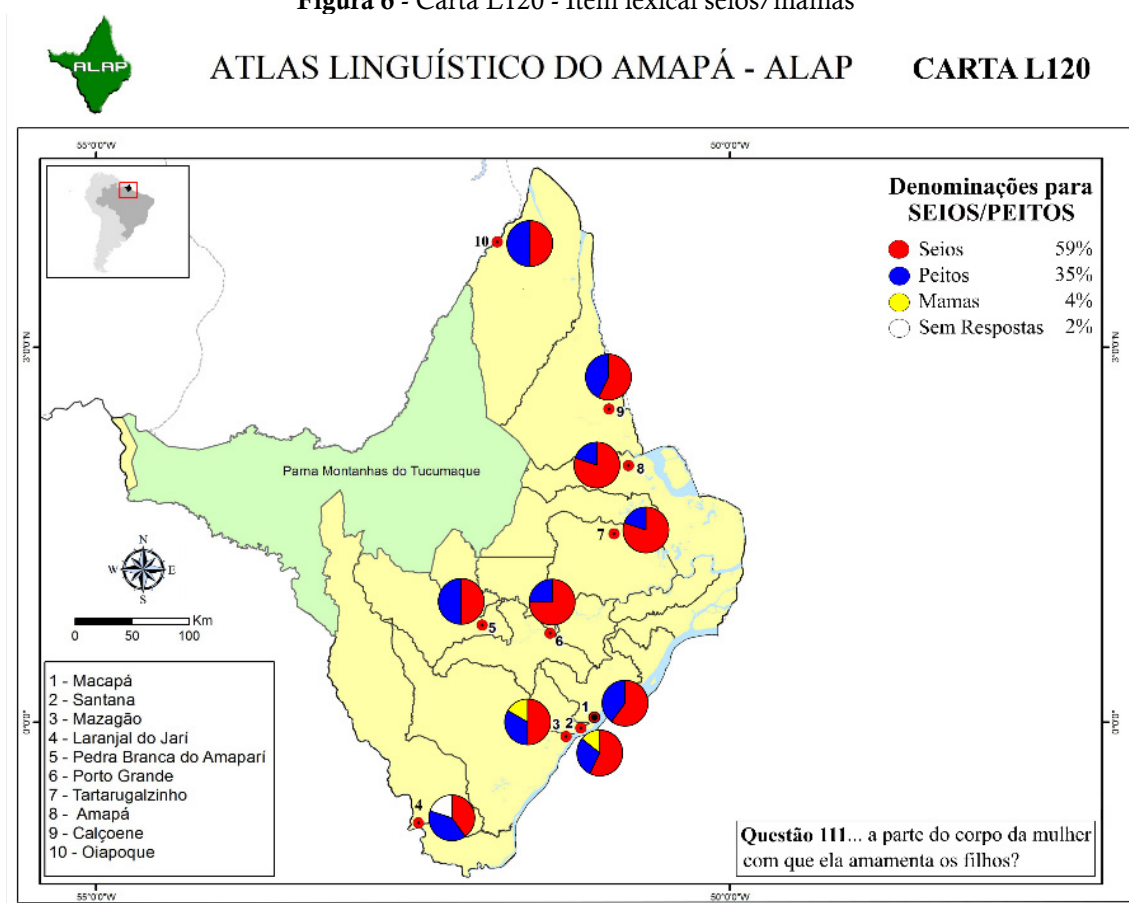
Fonte: Elaborado pelos autores.

A tabela 5 mostra a presença da variante *canhoto* no falar dos homens (19 ocorrências) e das mulheres (18 ocorrências), o mesmo sucede com o grupo A (18 ocorrências) e o grupo B (19 ocorrências). A variante *esquerdo* surge mais vezes na fala dos homens (duas ocorrências) ao comparar com as mulheres (uma ocorrência); entretanto, os dados apontam que *esquerdo* é uma variante predominante no falar do grupo A (três ocorrências). No tocante à menção da variante *contra Deus*, houve apenas um informante, do sexo masculino que pertence ao grupo A, que mencionou essa variante. Para a variante *outras (destro)*, houve apenas uma ocorrência que foi informada por um informante do sexo masculino integrante do grupo B. No que corresponde à falta de respostas, houve apenas duas ausências, sendo uma na fala de um informante do sexo masculino do grupo A, e outra na fala de um informante do sexo feminino que pertence ao grupo B.

VARIAÇÃO LEXICAL PARA SEIOS/PEITOS

Para a carta 120 – *seios/peitos*, foram identificadas as seguintes variantes: *seios*, *peitos* e *mamas*. Na figura 6, é possível observar a variação diatópica:

Figura 6 - Carta L120 - Item lexical seios/mamas



Fonte: Elaborado pelos autores.

Para a carta 120 – *seios/peitos*, se fizeram presentes três variantes, sendo elas: *seios* com 32 ocorrências (59%), logo em seguida temos a variante *peitos* com 19 ocorrências (35%), *mamas* com duas ocorrências (4%) e para *sem respostas* houve uma ausência (2%). A variante predominante no estado do Amapá foi *seios*, que está presente nas dez localidades. Com relação à variante *peitos*, ela também está presente em todos os pontos de inquérito, entretanto, com uma frequência menor. Para a variante *mamas*, a sua menção foi encontrada nos pontos 2 (Santana) e 3 (Mazagão). O único informante que não conseguiu responder ao questionário se encontra no ponto 4 (Laranjal do Jari).

Abaixo, na tabela 6, estão os dados referentes à distribuição diasssexual e diageracional:

Tabela 6 – Variação diasssexual e diageracional

Variantes	Homem		Mulher		Grupo A (18-30 anos)		Grupo B (50-75 anos)	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
Seios	16	50%	16	50%	18	56%	14	44%
Peitos	12	63%	7	37%	6	32%	13	68%
Mamas	0	0%	2	100%	0	0%	2	100%
Sem respostas	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%

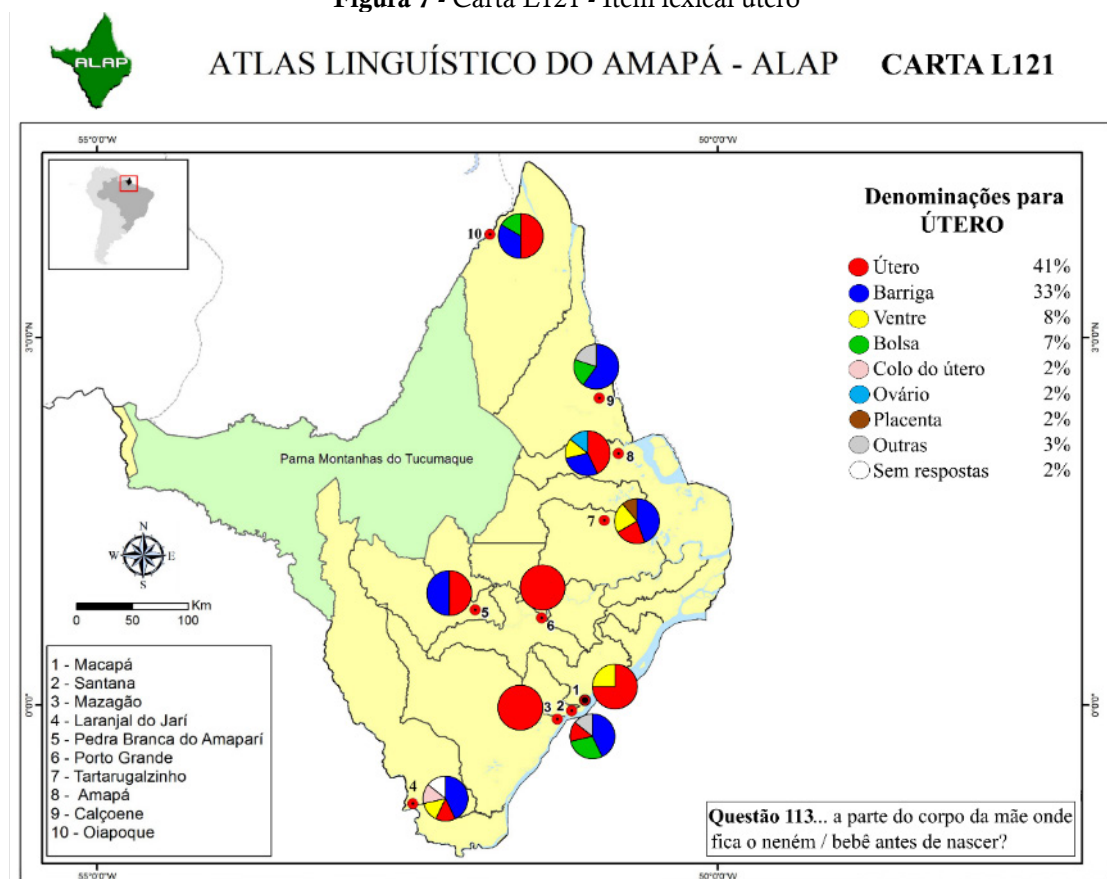
Fonte: Elaborado pelos autores.

Segundo a tabela 6, a variante *seios* está presente com a mesma frequência na fala dos homens e das mulheres (16 ocorrências), em contrapartida, no que se refere à faixa etária, o grupo A (18 ocorrências) tende a falar mais essa variante ao comparar com o grupo B (14 ocorrências). No que se refere à variante *peitos*, a sua menção está em maior número na fala dos homens (12 ocorrências) e tem menos frequência na fala das mulheres (sete ocorrências), além de ser mais frequente entre os informantes do grupo B (13 ocorrências) em comparação com o grupo A (seis ocorrências). No que diz respeito à variante *mamas*, obtivemos a menção na fala de informantes do sexo feminino que pertencem ao grupo B (duas ocorrências). Apenas um informante do sexo masculino que pertence ao grupo A não respondeu ao questionário.

VARIAÇÃO LEXICAL PARA ÚTERO

Seguindo a sequência de cartas linguísticas apresentadas, a carta 121 – *útero* apresentou as seguintes variantes lexicais: *útero*, *barriga*, *ventre*, *bolsa*, *colo do útero*, *ovário*, *placenta* e *outras* (*apêndice* e *estômago*). A figura 7 apresenta as informações da variação diatópica:

Figura 7 - Carta L121 - Item lexical útero



Fonte: Elaborado pelos autores.

As variantes encontradas para a carta 121 – útero foram: *útero* com 25 ocorrências (41%), *barriga* com 20 ocorrências (33%), *ventre* com cinco ocorrências (8%), *bolsa* com quatro ocorrências (7%), *colo do útero* (2%), *ovário* (2%) e *placenta* (2%) tiveram uma ocorrência, além de *outras* (*apêndice e estômago*) com duas ocorrências (3%) e *sem respostas* com uma ausência (2%). A variante predominante foi *útero*, sendo mencionada na maioria dos pontos de inquérito, com exceção do ponto 9 (Calçoene). Para a variante *barriga*, também há menções em diversas localidades, não havendo intercorrências apenas nas localidades 1 (Macapá), 3 (Mazagão) e 6 (Porto Grande). Quanto à variante *ventre*, obtivemos as ocorrências nos pontos 1 (Macapá), 4 (Laranjal do Jari), 7 (Tartarugalzinho) e 8 (Amapá). Acerca da variante *bolsa*, a sua menção ocorreu nos pontos 2 (Santana), 9 (Calçoene) e 10 (Oiapoque). As demais variantes foram mencionadas uma única vez em pontos diferentes. A única localidade que teve um informante que não respondeu ao questionário foi o ponto 4 (Laranjal do Jari).

Os dados que contêm os aspectos de variação diasssexual e diageracional estão presentes na tabela 7:

Tabela 7 – Variação diasssexual e diageracional

Variantes	Homem		Mulher		Grupo A (18-30 anos)		Grupo B (50-75 anos)	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
Útero	11	44%	14	56%	13	52%	12	48%
Barriga	10	50%	10	50%	9	45%	11	55%

Ventre	3	60%	2	40%	0	0%	5	100%
Bolsa	3	75%	1	25%	4	100%	0	0%
Colo do útero	0	0%	1	100%	0	0%	1	100%
Ovário	0	0%	1	100%	0	0%	1	100%
Placenta	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%
Outras	1	50%	1	50%	1	50%	1	50%
Sem respostas	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%

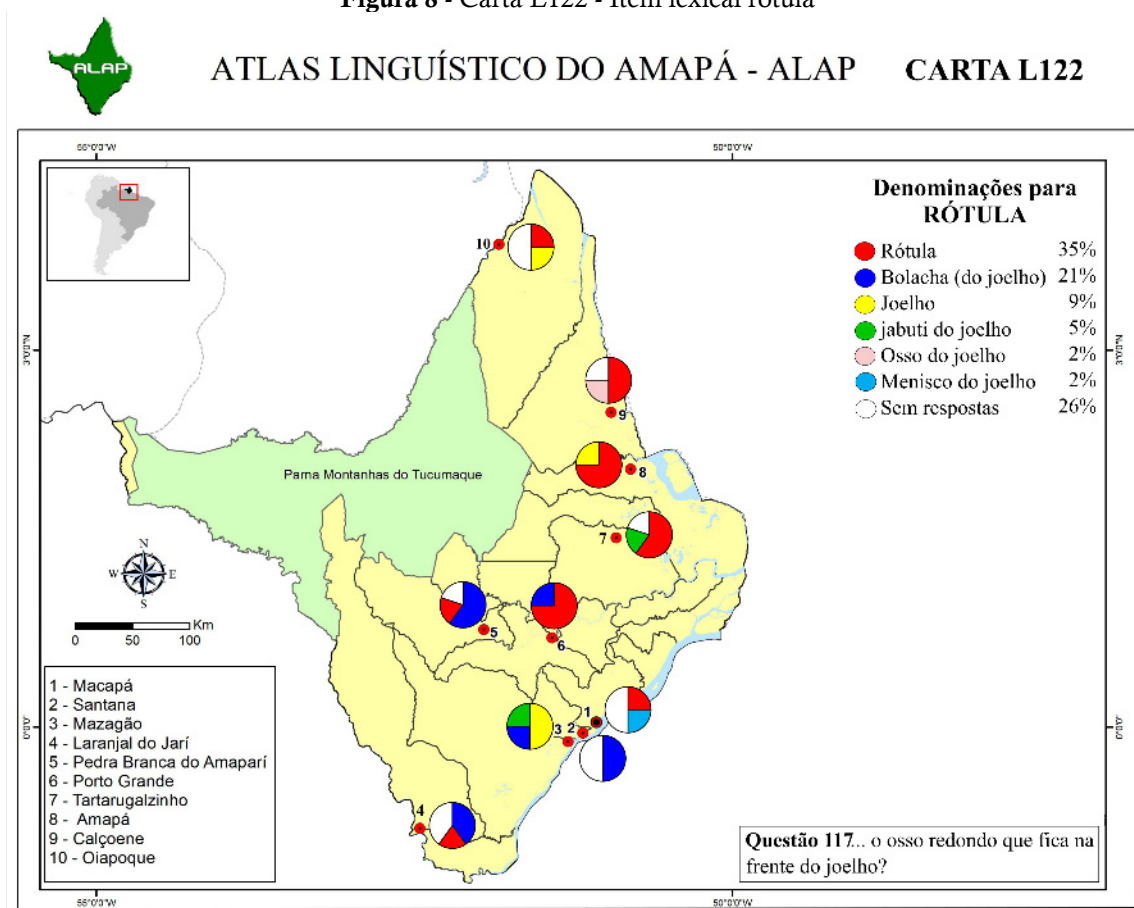
Fonte: Elaborado pelos autores.

Na tabela 7, os dados revelam que a variante *útero* aparece mais na fala das mulheres (14 ocorrências) em comparação com os homens (11 ocorrências) e tem frequência na fala do grupo A (13 ocorrências) e do grupo B (12 ocorrências). A variante *barriga* está igualmente presente entre homens e mulheres (dez ocorrências) e tem mais frequência entre os falantes do grupo B (11 ocorrências) ao ser comparado com o grupo A (nove ocorrências). Em relação à variante *ventre*, a sua menção está presente na fala dos homens (três ocorrências) e das mulheres (duas ocorrências), mas é uma variante que aparece de forma exclusiva na fala do grupo B (cinco ocorrências). *Bolsa* é a variante que aparece com maior frequência na fala dos homens (três ocorrências) e com menos frequência na fala das mulheres (uma ocorrência), mas é mencionada apenas entre os informantes do grupo A (quatro ocorrências). As variantes *colo do útero* e *ovário* foram mencionadas cada uma apenas uma vez por falantes do sexo feminino que pertencem ao grupo B. Contrariamente, a variante *placenta* foi falada por um homem que pertence ao grupo A. Em referência às *outras* variantes, houve presença na fala de um informante homem (uma ocorrência) e de uma informante mulher (uma ocorrência), assim como na fala do grupo A (uma ocorrência) e grupo B (uma ocorrência). Sobre a ausência de resposta, apenas um informante do sexo masculino, que pertence ao grupo A, deixou de responder ao questionário.

VARIAÇÃO LEXICAL PARA RÓTULA

Para a variação lexical referente ao item *rótula*, as seguintes variantes foram mencionadas: *rótula*, *bolacha (do joelho)*, *joelho*, *jabuti do joelho*, *osso do joelho* e *menisco do joelho*. Vejamos a sua distribuição diatópica na figura 8:

Figura 8 - Carta L122 - Item lexical rótula



Fonte: Elaborado pelos autores.

As variantes encontradas para a carta lexical 122 – *rótula* foram: *rótula* com 15 ocorrências (35%), *bolacha (do Joelho)* com nove ocorrências (21%), *Joelho* com quatro ocorrências (9%), *Jabuti do Joelho* com duas ocorrências (5%), *osso do Joelho* (2%) e *menisco do Joelho* (2%) com uma ocorrência, *sem respostas* com 11 ausências (26%). A variante predominante foi *rótula*, sendo mais frequente nos pontos 6 (Porto Grande), 7 (Tartarugalzinho) e 8 (Amapá) com três ocorrências. Com exceção do ponto 1 (Macapá), *bolacha (do Joelho)* foi falada nos pontos localizados ao centro-sul do Estado. A variante *Joelho* é mencionada nos pontos 3 (Mazagão), 8 (Amapá) e 10 (Oiapoque). Acerca da variante *Jabuti do Joelho*, obtivemos ocorrências nos pontos 3 (Mazagão) e 7 (Tartarugalzinho). *Osso do Joelho* teve uma ocorrência no ponto 9 (Calçoene) e *menisco do Joelho* teve ocorrência no ponto 1 (Macapá). Ocorreu ausência de respostas nos pontos 1 (Macapá), 2 (Santana), 4 (Laranjal do Jari), 5 (Pedra Branca do Amapari), 7 (Tartarugalzinho), 9 (Calçoene) e 10 (Oiapoque).

Para a análise diasssexual e diageracional, a tabela 8 contém as ocorrências e o percentual para cada variante:

Tabela 8 – Variação diasssexual e diageracional

Variantes	Homem		Mulher		Grupo A (18-30 anos)		Grupo B (50-75 anos)	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
Rótula	9	60%	6	40%	5	33%	10	67%
Bolacha (do Joelho)	5	56%	4	44%	3	33%	6	67%
Joelho	0	0%	4	100%	3	75%	1	25%

Jabuti do joelho	2	100%	0	0%	0	0%	2	100%
Oso do joelho	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%
Menisco do joelho	1	100%	0	0%	0	0%	1	100%
Sem respostas	4	36%	7	64%	8	73%	3	27%

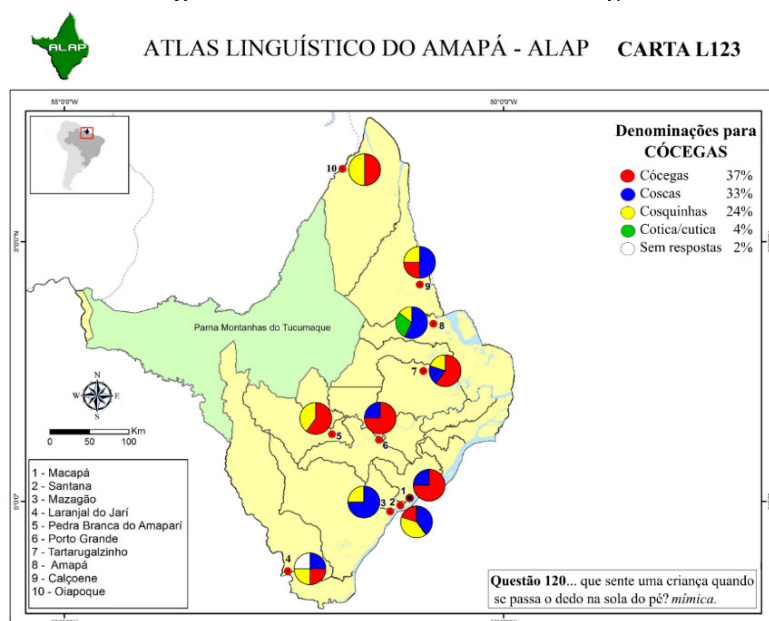
Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme a tabela 8, a variante *rótula* está mais presente na fala dos homens (nove ocorrências) em comparação com a fala das mulheres (seis ocorrências), e sendo mais frequente na fala dos informantes do grupo B (dez ocorrências) em comparação com o grupo A (cinco ocorrências). No que diz respeito à variante *bolacha (do joelho)*, a sua presença tem frequência na fala dos homens (cinco ocorrências) e das mulheres (quatro ocorrências), além de ser mais frequente entre os falantes do grupo B (seis ocorrências) em comparação com o grupo A (três ocorrências). Quanto à variante *joelho*, a sua frequência se fez presente na fala das colaboradoras do sexo feminino (quatro ocorrências), além de que, entre as colaboradoras do grupo A (três ocorrências) em comparação com o grupo B (uma ocorrência). Por outro lado, os homens informaram as variantes *jabuti do joelho* (duas ocorrências) e *menisco do joelho* (uma ocorrência) e, ambos os informantes pertencem ao grupo B. No que tange à variante *osso do joelho*, houve uma ocorrência na fala de um informante do sexo masculino que pertence ao grupo A. Para a falta de resposta, o número foi maior entre as mulheres (sete ausências) e entre os informantes do grupo A (oito ausências).

VARIAÇÃO LEXICAL PARA CÓCEGAS

A carta lexical 123 – *cócegas* consta que os informantes mencionaram as variantes *cócegas*, *coscas*, *cosquinhas* e *cotica/cutica*. A distribuição diatópica dessas variantes pode ser observada por meio da figura 9:

Figura 9 - Carta L123 - Item lexical *cócegas*



Fonte: Elaborado pelos autores.

De acordo com a figura 9, é possível observar que as variantes são: *cócegas* com 17 ocorrências (37%), *coscas* com 15 ocorrências (33%), *cosquinhas* com 11 ocorrências (24%), *cotica/cutica* com duas ocorrências (4%) e *sem respostas* com uma ausência (2%). A variante *cócegas* tem uma frequência maior nos pontos 1 (Macapá), 5 (Pedra Branca do Amapari), 6 (Porto Grande), 7 (Tartarugalzinho). No entanto, a variante *coscas* tem grande ocorrência nos pontos 2 (Santana), 3 (Mazagão), 8 (Amapá) e 9 (Calçoene). A variante *cosquinhas* se faz presente em menor frequência, mas em diversos pontos de inquérito, com destaque para os pontos 2 (Santana), 5 (Pedra Branca do Amapari) e 10 (Oiapoque). É possível observar que a variante *cotica/cutica* aparece apenas duas vezes na localidade 8 (Amapá). No que se refere à falta de resposta, apenas o ponto 4 (Laranjal do Jari) apresentou uma ausência.

A tabela 9 contém as informações para a variação diassexual e diageracional:

Tabela 9 – variação diassexual e diageracional

Variantes	Homem		Mulher		Grupo A (18-30 anos)		Grupo B (50-75 anos)	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
Cócegas	8	47%	9	53%	8	47%	9	53%
Coscas	8	53%	7	47%	5	33%	10	67%
Cosquinhas	6	55%	5	45%	10	91%	1	9%
Cotica/cutica	0	0%	2	100%	2	100%	0	0%
Sem respostas	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Segundo a tabela 9, a variante *cócegas* está presente na fala dos homens (oito ocorrências) e das mulheres (nove ocorrências), o mesmo ocorre entre o grupo A (oito ocorrências) e o grupo B (nove ocorrências). Podemos observar que a variante *coscas* também tem uma grande frequência na fala dos informantes homens (oito ocorrências) e mulheres (sete ocorrências), mas tem uma frequência maior entre os informantes do grupo B (dez ocorrências) ao comparar com o grupo A (cinco ocorrências). Para a variante *cosquinhas*, a presença se fez presente na fala dos homens (seis ocorrências) e das mulheres (cinco ocorrências), porém com predominância na fala do grupo A (dez ocorrências) em comparação com o grupo B (uma ocorrência). Já a variante *cotica/cutica* foi informada por duas informantes do sexo feminino que pertencem ao grupo A. No que diz respeito à falta de respostas, apenas um informante do sexo masculino que pertence ao grupo A não respondeu ao questionário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou evidenciar as variantes lexicais contidas no banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Amapá que foram mapeadas, analisadas e descritas pelos autores desta pesquisa no que tange às denominações referentes ao campo semântico-lexical *corpo humano*, visando a apresentar uma amostra da heterogeneidade da língua portuguesa falada no Estado do Amapá.

Na análise dos dados, identificamos que apenas nos itens *míope* e *dente do siso* houve predominância lexical diferente, respectivamente denominados de *falta de vista* e *dente do juízo*. Já ao que se refere aos demais itens lexicais (*pálpebras*, *pomo-de-adão*, *canhoto*, *seios*, *útero*, *rótula* e *cócegas*), as denominações que se mantiveram com maior ocorrência foram de variantes padrão, ou seja, receberam a mesma nomeação dos itens investigados e já dicionarizados. Apesar de grande parte das cartas lexicais seguirem a predominância das variantes padrão, os dados do Atlas Linguístico do Amapá, que nós analisamos e mapeamos, mostraram grande número de variantes que foram menos frequentes, mas que caracterizam a heterogeneidade linguística e, em muitos casos, essas variantes não se encontram dicionarizadas. Observamos que *jabuti do joelho*, *cotica/cutica* e *contra Deus* são exemplos de variantes que ainda não foram dicionarizadas.

As cartas que mais apresentaram variantes lexicais foram: 116 – *míope*, 117 – *dente do siso* e 121 – *útero*. Considerando a dimensão diasssexual, vale destacar a carta 117 – *dente do siso*, na qual a variante *dente do juízo* foi predominante na fala das mulheres e *queixal* teve predominância na fala dos homens. Observando a dimensão diageracional, *dente de leite* se mostrou uma variante predominante na fala dos mais velhos.

No que tange à falta de respostas, as cartas 115 – *pálpebras*, 116 – *míope*, 117 – *dente do siso* e 122 – *rótula* apresentaram grande número de ausência, revelando que esses informantes não conseguem responder o item referente e, por não fazer parte do repertório lexical deles, não são capazes de nomear.

Por fim, esta pesquisa de natureza dialetal certamente terá continuidade, com a descrição do léxico no estado do Amapá, visto que a língua natural se modifica a todo momento. Além disso, esperamos que o trabalho possa contribuir com a descrição lexical do falar amapaense e auxiliar em novos projetos com foco nos estudos comparativos com demais atlas linguísticos.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. **O Dialeto Caipira**. São Paulo: HUCITEC; Secretaria de Ciência e tecnologia, 1976.
- CARDOSO, S. (et al.). **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014.
- CARDOSO, S. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.
- CHAMBERS, J. K; TRUDGILL, P. **La dialectologia**. Tradução de Camen Morán González. Visor Libros, 1994.
- COMITÊ NACIONAL. **Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001** / Comitê Nacional do Projeto ALiB. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- GILLIÉRON, J; EDMONT, E. **Atlas Linguistique de la France**. 35 fasc. Paris: Honoré Champion, 1902-1910, 1915.
- NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões. 1953.
- RAZKY, A; RIBEIRO, C; SANCHES, R. **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.
- RAZKY, A; RIBEIRO, C; SANCHES, R. O projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP): caminhos percorridos e estágio atual. *Alfa*, São Paulo, v. 61, n° 2, p. 303-317. 2017.
- ROMANO, V. Balanço crítico da geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. *Entretexto*, Londrina, v.13, n° 02, p.203-242, jul./dez. 2013.

ROSSI, N; ISENSEE, D; FERREIRA, C. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

SÁ, E. J. de. Geolinguistic studies in Brazil in five phases: From the Viscount of Pedra Branca to the atlases of traditional communities' speech. **Journal of Humanities and Education Development**. V. 2, n° 5, p. 338-349. Setp/oct. 2020.